



Arpilleras (Anônima), *Não à impunidade* (Detalhe), início da década de 1980. Chile.
Acervo Lala e Austin Winkley, Londres, Inglaterra.

1 Resumo

Imperialism in the Twenty-First Century: Globalization, Super-Exploitation, and Capitalism's Final Crisis **(Imperialismo no Século XXI: Globalização, Superexploração e Crise final do capitalismo)**

John Smith / New York: Monthly Review Press, [2016]

André de Oliveira Cardoso¹

A obra de John Smith lançada em 2016 traz uma contribuição importante aos estudos do capitalismo contemporâneo, com destaque à análise do Imperialismo e seus desdobramentos no Sul Global na era neoliberal. A análise marxista do autor é o elemento forte de seu livro, apresentando e debatendo com uma gama de outros teóricos e teóricas marxistas, dos clássicos aos contemporâneos, além de refutar as teses de diversos outros teóricos da visão corrente da economia (*mainstream*).

Apresenta, então, os pontos centrais da nova dinâmica de acumulação do capitalismo global, a partir dos fundamentos básicos do marxismo, que são a exploração do trabalho num contexto de globalização generalizada, entendendo o papel dos países desenvolvidos (Norte Global) na exploração dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (Sul Global).

Dessa forma, aponta o processo de terceirização como determinante para esse novo momento, a Arbitragem Global do Trabalho como elemento que reforça a importância do primeiro, não sendo o trabalho um mero fator de produção entre tantos outros, mas as diferenças salariais como o elemento que define as decisões de terceirização e superexploração do trabalho, fundamental para a teoria do valor de Marx na atualidade, sendo uma das contra-tendências a lei da tendência da queda da taxa de lucro, a terceira forma de exploração indicada por Marx na fase decadente do capitalismo, além da mais-valia absoluta e relativa.

Recorre para essa análise a Teoria Marxista da Dependência, que teve como seu limitante ter sido desenvolvida antes da era neoliberal, sendo necessário sua

1 Doutorando em Economia Política Mundial pela Universidade Federal do ABC (UFABC) e coordenador do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social – Brasil

atualização para o contexto atual, com o fortalecimento de uma teoria do imperialismo contemporânea, a partir dos conceitos aqui levantados por ele, em especial a superexploração do trabalho.

Introdução

Inicia o livro tratando da terrível catástrofe ocorrida em Bangladesh com a queda de um prédio que concentrava oito fábricas do setor têxtil, além de um banco e algumas lojas no ano de 2013, levando a morte de mais de mil trabalhadores têxteis e mais de 2.500 feridos. O destaque para esse evento determina um dos pontos-chave que o autor dará ao analisar a dinâmica do capitalismo contemporâneo global: as condições impostas aos trabalhadores dos países do Sul Global na produção de mercadorias também globais e os ganhos e perdas de seus países nesse processo.

Não por acaso, a indústria têxtil se configura como uma das mais importantes indústrias ligadas a cadeia de mercadorias lideradas por compradores (*buyer-driven commodity chain*), onde os compradores globais determinam o que deve ser produzido, onde e por quem, além do preço que deve ser exercido. A relação de exploração do capital sobre o trabalho expressa nessa indústria na dinâmica global da economia capitalista se transforma na relação entre o capital do Norte e o trabalho do Sul.

Como afirma o autor, essas terríveis condições e catástrofes não figuram nos cálculos de seu PIB, nem os lucros auferidos por eles, que na verdade alimentam o acúmulo capitalista dos países imperialistas. De fato, os valores produzidos pelos trabalhadores desses países aparecem como Valor Adicionado nos países consumidores, incorporando essa riqueza ao PIB dos países consumidores e não dos produtores, como se sua origem fosse esses países e não onde os produtos foram feitos.

As condições de trabalho barato fornecidas pelos países do Sul para as empresas multinacionais são determinantes para a instalação das empresas em seus territórios. Não apenas os baixos salários, mas a flexibilidade do trabalho e a inexistência de sindicatos são formas de atração para as multinacionais, delegando toda a culpa da falta de tais proteções aos países e sua cultura, sem qualquer responsabilidade das empresas.

As transformações da terceirização e sua importância na dinâmica atual do capitalismo

Ao analisar a terceirização, reforça que sua existência precede os tempos atuais como mostrava Marx quando trata da luta entre patrões e empregados, onde os primeiros buscam trazer trabalhadores do estrangeiro ou transferir suas fábricas para outros países no intuito de pagar menos pela força de trabalho. O desenvolvimento capitalista desde o século XIX busca minimizar seus custos pagando baixos salários e menores proteções sindicais ao redor do mundo, tendo como exemplos as indústrias de vestuários e têxteis que a 150 anos atrás já buscavam a terceirização da produção dirigida pela arbitragem salarial.

A terceirização da produção manufatureira moderna inicia nos anos de 1960/70, com a saída das indústrias de sapatos, roupas, brinquedos e montagem de eletrônicos dos países-sede para países com baixos salários. A diferença nesse movimento foi o que possibilitou o desenvolvimento de uma nova geração de empresas varejistas nos países ricos como a Tesco, Walmart e Carrefour, os capitalistas comerciais, a conquistar o maior controle e determinação dos preços dos produtos finais, desbancando o papel dos industriais nessa determinação.

A incapacidade dos monopólios manufatureiros de impor os preços aos seus distribuidores tradicionais, tendo que pressionar os acordos feitos com os sindicatos dos trabalhadores, sem muitas margens por garantir uma maior flexibilização do trabalho local, pressionou um maior deslocamento das suas indústrias para regiões com baixos salários, seguindo a tendência das grandes corporações varejistas. Nessa movimentação houve uma redistribuição dos lucros em favor dos capitalistas comerciais contra os industriais e queda dos preços dos bens de consumo finais em seus países como recompensa da terceirização.

Paralelo a esse movimento das grandes varejistas, a indústria de tecnologia foi também uma das pioneiras no processo de terceirização, contribuindo com o impulso do processo conhecido como Industrialização Orientada para Exportação da Ásia, com a transferência de suas fábricas intensivas em trabalho para locais como Taiwan e Coreia do Sul para a fabricação dos insumos eletrônicos. Esse processo garantiu a transformação desses lugares, conhecidos como *newly industrializing countries*. Diferente da batalha interna dos capitalistas comerciais com a indústria local na determinação de preços, a indústria de tecnologia tinha como

competidores as corporações japonesas que se desenvolviam rapidamente nesse setor.

O autor destaca que não só a terceirização global foi um fenômeno de transformação da era neoliberal para a redução dos salários pagos, mas também o aumento da dependência da força de trabalho importada por setores com menor mobilidade para se transferirem para outros países, reduzindo os custos de reprodução da força de trabalho nos países avançados.

Com o início da globalização neoliberal, os bens intermediários ganharam destaque na produção globalizada, seja através da produção dentro das firmas como resultado dos Investimentos Diretos Estrangeiros ou através das empresas subcontratadas (*arm's length subcontracting*), o que não quer dizer que o comércio internacional de bens finais exportados pelos países de salários baixos para os países imperialistas tenha reduzido.

Como as grandes corporações na distribuição das tarefas globais de produção se focam no central de sua competência, que diz respeito a definição do produto, design da marca, marketing, logística e serviços financeiros, deixam o restante das tarefas, a produção dos bens em si, para os demais países, podendo então ser as importações feitas pelos países imperialistas dos bens produzidos nos países em desenvolvimento uma *proxy* para determinar a terceirização.

O que merece destaque é a afirmação do autor de que as exportações de manufaturas do Sul para o Norte devem ser vistas mais como uma expressão da globalização da produção e menos como um processo de comércio internacional, devem ser vistas então como uma evolução das relações sociais da exploração do capital sobre o trabalho. A produção globalizada neoliberal transformou o uso da força de trabalho com a fragmentação total das tarefas da produção, desenvolvendo a relação que antes era entre firmas e nações para uma relação direta entre trabalhadores individuais em diferentes nações, a relação entre capital do Norte Global e o trabalho do Sul Global.

Embora a Industrialização Orientada para a Exportação busque uma distribuição dos países na nova dinâmica de globalização da produção, o que ocorre é uma concentração desigual de seu desenvolvimento. Segundo estudo da OIT, apenas 24 países em desenvolvimento transformam suas exportações de bens primários para manufaturados, enquanto os demais 107 países em desenvolvimento se mantêm excluídos globalmente, mantendo as exportações de *commodities*

primárias. Contudo, desses 24 países, incluem oito dos dez países mais populosos, concentrando mais de 76% da população total do Sul Global.

A complexidade da produção globalizada na sua fragmentação de tarefas exige que seja discutida a distribuição das atividades em serviços e produção. Os avanços tecnológicos que permitiram zerar custos de transporte, podendo ser tudo feito de forma digital, inserem muitas tarefas que poderiam ser classificadas como de serviços no processo de terceirização global, podendo ser feito por trabalhadores qualificados dos países em desenvolvimento, o que antes era feito pelos países avançados. O que antes era diferenciado pela qualidade do trabalho agora é definido pelo que pode ou não ser feito de forma digital.

As duas formas de terceirização na nova dinâmica do processo de produção globalizado são os Investimentos Estrangeiros Diretos (IED), quando o processo de produção é transferido para o exterior, mas ainda vinculado a matriz, e as empresas terceirizadas-subcontratadas (*arm's length outsourcing*), quando parte ou todo do processo da produção é terceirizado para um fornecedor independente.

É mais comum a utilização do IED para classificar as empresas transnacionais, que são as corporações que têm empresas subsidiárias em outros países, como afirma a definição tradicional. Contudo, empresas como Walmart e Tesco, que só teriam relações diretas com seus revendedores, não seriam tão bem enquadradas nessa definição visto que boa parte dos produtos por elas vendidos não se configurariam, no seu processo de produção, como de sua propriedade.

As empresas terceirizadas-subcontratadas trazem uma nova abordagem para a definição das transnacionais, sendo definidas como empresas que têm o poder de coordenação e controle das operações dessas empresas, sem ter a necessidade de serem proprietárias das mesmas. Essa transformação de empresa subsidiária para subcontratada é feita por mera questão legal sem qualquer mudança no processo de produção, fazendo desaparecer com os fluxos de lucros repatriados do Sul para o Norte, embora mantenha as mesmas taxas de lucro da matriz.

A grande defesa do IED no Sul Global feito pelo Norte é que a criação de empregos no primeiro é muito maior com os investimentos feitos do segundo, o que não ocorreria se os investimentos fossem feitos em seu próprio território, dessa forma criam três vezes mais emprego no Sul do que no Norte. Contudo, os fluxos do lucro dos IEDs **são assimétricos entre esses dois grupos**, tendo uma

taxa de retorno maior dos investimentos, garantindo maiores lucros para suas matrizes.

Já a subcontratação tem se mostrado a tendência no processo das cadeias globais de valor frente aos IEDs. A principal razão para as subcontratadas serem as melhores opções em relação ao IED deve-se ao fato de pagar menores salários do que pagariam suas subsidiárias, mesmo essas pagando salários menores em comparação a matriz nos países desenvolvidos. Dessa forma, há o incentivo para que relações do tipo matriz-subsidiária, consideradas verticais, se desloquem para relações de contratação horizontais entre parceiros formalmente iguais.

Esse processo externaliza qualquer responsabilidade da empresa matriz, tanto no risco comercial, como nas relações trabalhistas e ambientais. Outra preocupação que deixa de ser das transnacionais diz respeito aos riscos das flutuações cíclicas na demanda, com as transformações nos mercados globais, sendo de inteira responsabilidade das empresas vinculadas às cadeias de produção.

Cabe notar também que através dessa forma de terceirização, além de não gerar nenhum fluxo de lucros repatriados do Sul para o Norte, não envolve qualquer fluxo do Norte para o Sul de capitais para investimento nas firmas hospedeiras, possibilitando às matrizes nos países desenvolvidos aplicar seus recursos em fundos de investimentos, intermediações financeiras e especulativas.

O enigma da subcontratação é que os fluxos financeiros entre as empresas do Sul para as do Norte não aparecem em nenhum lugar, diferente da repatriação dos lucros no IED. A pergunta que se coloca é como desaparece essa transferência de valor, comparada ao fenômeno químico da sublimação, quando o valor evapora de um lugar e aparece em outro, sendo considerado pelos economistas convencionais como inexistente, já que nos dados tradicionais não há sinal desse movimento de capital e de mercadorias.

O fato é que a competição global entre as empresas se dá unicamente entre os países desenvolvidos, já entre os países do Sul a competição se dá no oferecimento de força de trabalho mais barata. Uma das formas para explicar essa impossibilidade de os países do Sul competirem contra o Norte diz respeito aos produtos por eles produzidos, que podem ser medidos pelo índice de complexidade, que mostra o quanto a economia de um país é complexa.

O que é importante na complexidade econômica é que mostra a divisão global da produção onde as empresas do Sul não conseguem competir com as

empresas do Norte, sendo esses últimos os principais exportadores de produtos com maior complexidade, enquanto os países mais pobres se concentram na exportação de produtos menos complexos.

Para aumentar essa complexidade e garantir o desenvolvimento dos países em desenvolvimento foi colocado em prática o modelo de industrialização orientada para a exportação (IOE) como a solução para esse processo, contrário ao modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI). Contudo, o que de fato foi sucesso para os primeiros lugares (*first movers*), como Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, não é possível para os demais, entrando em uma corrida para o fundo (*the race to the bottom*). Pois se faz sentido para um país individual buscar essa expansão massiva das exportações de manufaturados, quando o padrão é adotado por todos os países de baixa renda todos perderão. Para cada vencedor deve haver necessariamente muitos perdedores, tendo como única possibilidade para um país que se encontra nos elos inferiores da cadeia o abandono desse espaço com algum grau de monopólio.

Diante da falha da IOE em garantir avanço dos países em desenvolvimento, o grande mantra agora é o conceito de “*upgrading*”, que significa capturar maior parcela de valor do produto final através de atividades de alto valor adicionado. O que ocorre com esse novo conceito é que contraria o modelo de comércio internacional dominante, que defende a especialização de um país no que faz de melhor, nas vantagens comparativas de cada um. O que deve ser analisado, segundo o autor, **não é onde não ocorre o *upgrading***, mas sim onde e como ocorre um *dowgrading*, como uma nova versão da teoria da dependência.

A classe trabalhadora e a produtividade do trabalho

Ao iniciar sua análise sobre a divisão internacional do trabalho, o autor apresenta que a divisão imperialista do mundo é entre países oprimidos e opressores, que moldam a classe trabalhadora mundial e a dinâmica do processo de formação da classe trabalhadora. As teorias que afirmavam a viabilidade de homogeneização do desenvolvimento entre os países no desenvolvimento capitalista, como as de Rostow e o pensamento de David Ricardo sobre as vantagens comparativas como uma forma de equalização entre os países, **não se mostraram corretas**. O que se assistiu foi que a “decolagem” dos primeiros países da Europa

só foi possível pela exploração do trabalho escravizado e o avanço sobre o novo mundo.

O livre movimento permitido aos trabalhadores no curso dos processos de industrialização no século XIX nos países da Europa e América do Norte, que serviu para atenuar as desigualdades em seus territórios, com os trabalhadores se deslocando entre os países conforme o avanço do desenvolvimento capitalista expulsava-os de suas terras, mantendo as taxas de crescimento populacional e da força de trabalho estáveis ou mesmo negativas, não foi mais possível na era neoliberal, com uma realidade distinta para os países do Sul. O movimento dos trabalhadores nesse novo período é restringido, sendo incapaz de exportar a sua população excedente nessa nova dinâmica capitalista.

Ao tratar da informalização, Smith destaca ser um fenômeno da era neoliberal, o que contradiz as teses de Rostow e de Lewis que afirmavam que na marcha para o progresso haveria um deslocamento do trabalho informal para o formal. A expansão da economia informal é considerada como um produto da era neoliberal, que inicia com o fim do modelo ISI com suas políticas mais protecionistas, para o *laissez-faire* neoliberal sob o modelo IEO. A informalização é a chave para alcançar a produção flexível.

A força de trabalho das mulheres jovens é a principal marca do modelo IEO, mudando a composição de gênero da força de trabalho na indústria manufatureira. Na verdade, a anomalia ao desenvolvimento da indústria foi o modelo ISI por ter uma contratação maior de homens, já que, desde a industrialização no século XIX, as mulheres eram utilizadas em maior escala.

Quando passa à análise da produtividade do trabalho, afirma que esta é o valor adicionado por trabalhador, que quando combinado ao custo do trabalho por trabalhador produz a medida preferida pelos capitalistas de produtividade e a medida padrão de competitividade, o custo unitário do trabalho (ULC), que é o custo do trabalho necessário para produzir uma unidade adicional da produção. Reduzir a ULC e aumentar a competitividade são os objetivos centrais das empresas e governos, o que ocorre quando a produtividade do trabalho cresce mais rápido do que os salários pagos por trabalhador, ou quando cai menos que esse último.

Aprofundando o estudo sobre o tema da produtividade, Smith mostra que existem dois tipos de produtividade do trabalho, o medido a partir do valor de

uso (seu volume físico) e o valor de troca, também chamado como valor adicionado. O primeiro como uma definição universal da produtividade do trabalho, aplicado a todas as formas sociais de produção, e o segundo, específico para sociedades produtores de mercadorias específicas, como o capitalismo. Nesse Sistema ele se torna supremo e é o que importa, o que satisfaz as necessidades privadas do capitalista.

O valor adicionado é o que importa para definir a medida da produtividade para a economia tradicional e seus governos.

No reino do capital, a produtividade do trabalho é a quantidade de valor adicionado que ele pode conseguir com cada unidade de valor pago em salários. Sendo os salários cortados e todo o resto mantendo-se constante, o trabalho torna-se mais produtivo para o capital. No nível maior de abstração, a parte do valor do produto que é utilizado para pagar os salários é definida como a taxa de exploração e a produtividade nada mais é que um eufemismo para isso.

O que importa, então, não é a produtividade do trabalho em si, obtido pela divisão entre o valor adicionado e a força de trabalho total, mas o Custo Unitário do Trabalho (ULC), que é a divisão do valor adicionado total pelo custo da força de trabalho total, “quanto trabalho deve ser comprado para obter uma unidade a mais de produção” (p. 178).

A arbitragem global do trabalho

Há um paradoxo do Custo Unitário do Trabalho que reside no fato de que a força de trabalho viva que produz as mercadorias não é, ela mesma, comercializada através das fronteiras nacionais, a força de trabalho não é livre para se movimentar internacionalmente. É também a única mercadoria que não pode ser produzida por capitalistas. Por outro lado, as mercadorias produzidas por esta força de trabalho são comercializadas através das fronteiras. Em relação ao seu valor, sua competitividade não é determinada diretamente por seus custos de produção reais, nacionais ou setoriais específicos, mas pelo valor cambial que eles comandam nos mercados globais, ou seja, por seus custos médios de produção socialmente necessários.

Na era neoliberal de globalização da produção, foram tomados dois caminhos que auxiliaram o aumento dos lucros do Norte: o primeiro foi a emigração

das fábricas do Norte para o Sul e o segundo, a exploração dos trabalhadores imigrantes para seus países, pagando baixos salários. Contudo, esse último é mais restrito, sendo o primeiro a melhor forma para essa expansão.

O avanço do Norte para o Sul com suas empresas pagando baixos salários, em troca dos altos salários que pagavam em seus países, confluem em três principais megatendências, a maturação do processo de terceirização, o avanço tecnológico com a conectividade e os imperativos do controle de custos, que nada mais é do que a arbitragem global do trabalho. O que de fato se observa é que as duas primeiras megatendências servem de apoio necessário para a terceira que se configura como a determinante dessa dinâmica.

A Arbitragem Global do Trabalho é a que reforça a importância do processo de terceirização, não sendo o trabalho um mero fator de produção entre tantos outros, mas as diferenças salariais como o fator que define as decisões de terceirização. A redução dos custos das transnacionais se dá através da terceirização nos países pobres e não do corte dos salários domésticos ou através dos investimentos em tecnologia, como comumente afirmado.

Segundo Smith, esse é o conceito mais explicativo para entender o imperialismo contemporâneo. Esse conceito evidencia as enormes diferenças internacionais no preço do trabalho, como os capitalistas lucram com essas diferenças, concentrando a atenção no mercado de trabalho global fragmentado e hierarquicamente organizado. É mais explicativo do que os conceitos criados pelos analistas das cadeias globais de valor, das teorias críticas da globalização e das abordagens marxistas do novo imperialismo.

A grande ironia é que os avanços tecnológicos não são utilizados para aumentar a produtividade do trabalho ou deslocar o trabalho com a introdução de máquinas avançadas, são na verdade utilizados para baixar os custos com a terceirização e a troca do trabalho bem pago por trabalho mais barato.

A teoria da Dependência, do Imperialismo e a superexploração do trabalho

Smith retoma duas teorias centrais para o desenvolvimento de sua análise da dinâmica de exploração do capitalismo contemporâneo, que são a Teoria da Dependência e a Teoria do Imperialismo em Lênin, além da continuidade em

desenvolver o estudo da Teoria do Valor em Marx. Destas teorias é que desenvolve sua defesa em relação a nova dinâmica da Era Neoliberal.

Sobre a Teoria da Dependência, destaca que teve sua emergência nos debates da década de 1960 e 1970 sendo a que melhor buscou explicar a persistência da exploração imperialista, construindo uma teoria do imperialismo a partir da teoria do valor em Marx e é a teoria crucial hoje para estudar o imperialismo contemporâneo. A grande limitação da teoria da dependência é que se desenvolveu a partir da análise do período anterior a era neoliberal.

Das duas interpretações da Teoria da Dependência, a burguesa (Arrighi e Fernando Henrique Cardoso) e a marxista (Samir Amin e Rui Mauro Marini), têm consenso não só no debate sobre as trocas desiguais, mas também no entendimento de que os trabalhadores organizados dos países imperialistas foram incorporados ao sistema ao receber concessões de seus países nessa distorção das trocas com a periferia. Contudo, a teoria desenvolvida por Ruy Mauro Marini defende que a superexploração dos trabalhadores nas economias dependentes é a condição necessária para a existência do capitalismo global, contrariando as teses de Fernando Henrique Cardoso de que seria um desenvolvimento accidental.

A leitura de Marini parte da análise da mais-valia absoluta e relativa. Na dinâmica global, a importação de alimentos baratos das colônias ou neocolônias foi fundamental para o desenvolvimento dos países do centro, que mantinham os países da periferia impedidos de se apropriar do excedente e de transitar da mais-valia absoluta para a relativa. Os preços baratos foram possíveis pela prevalência da superexploração do trabalho nos primeiros, enquanto os segundos transitavam da forma de mais-valia absoluta para a relativa. A América Latina teve fundamental importância para a mudança dos países do centro da mais-valia absoluta para a mais-valia relativa, bem como para a manutenção da mais-valia absoluta na periferia.

Ao tratar da Teoria do Imperialismo, partindo da análise da tese de Lênin, afirma que o imperialismo não estava desenvolvido o suficiente para que ele conseguisse fazer a relação com a Teoria do Valor em Marx. Muitos estudiosos de Lênin dão central destaque em sua teoria para o tema do monopólio capitalista como a essência do imperialismo, e não a divisão do mundo entre nações opressoras e oprimidas. O que tem certa verdade quando o foco é entender a luta violenta entre as nações capitalistas dominantes na distribuição da mais-valia do que da sua produção.

Sendo sua análise na distribuição, a crítica à Lênin peca ao tentar fazer a relação da sua teoria do imperialismo com o crescimento da composição orgânica do capital e a tendência da queda da taxa de lucro, o que ele não se propôs, além de descartar das críticas o elemento principal, que é a divisão do mundo entre as nações e as taxas divergentes de exploração.

A pergunta então é como relacionar uma teoria do monopólio com as categorias do Capital. O conceito de monopólio é complexo e por isso a necessidade de precisar bem o seu entendimento para identificar o que explica. Na teoria de Lênin, os monopólios são determinados pela concentração de capital em grandes corporações, da fusão do capital financeiro e industrial juntos com o Estado se manifestando de muitas formas, mas para analisar a partir da Lei do Valor, essas formas devem ser abstraídas. O monopólio é peça central no entendimento do imperialismo hoje, bem como fonte da instabilidade econômica atual.

Outro elemento determinante na teoria do imperialismo em Lênin é a exportação de capital como a base econômica do imperialismo, onde o trabalho estrangeiro é explorado pelos países imperialistas. A grande questão é que o imperialismo hoje não exporta capital como antes, embora as formas de IED e outros investimentos ainda tenham sua importância, mas o destaque da produção globalizada é o avanço das empresas subcontratadas.

A exportação de capital foi a saída para ampliar a exploração, agora a partir do trabalhador no estrangeiro e diz respeito a nova forma de relação capital-trabalho entre o capital do Norte e o trabalho do Sul, ou seja, a relação que se assenta na opressão nacional. A era neoliberal mostrou a centralidade da extração de mais-valia sem a necessidade de exportação de capital, onde a terceirização e a subcontratação têm maior importância como fonte de lucros do que IEDs, portfólio de investimentos e dívidas externas.

Ao buscar unir essas teorias em sua análise, Smith destaca a terceira forma de mais-valia citada por Marx de forma breve, que a nomeia como a superexploração, que é a pagamento ao trabalhador abaixo do valor da sua força de trabalho.

Marx aborda como um momento episódico quando um setor é mais modernizado, fazendo com que os trabalhadores ganhem abaixo do seu valor, criando uma gama de trabalhadores supérfluos, mas que logo depois se reequilibra. Na era moderna, esse momento se torna uma constante no Sul Global, com o crescimento constante do desemprego. Dessa forma, o pagamento abaixo do seu valor

mostra-se comum nesses países, mesmo na aparência, antes de desenvolver as relações entre salários, valor da força de trabalho e taxa de exploração.

Os principais elementos para a análise da teoria do imperialismo hoje foram excluídos por Marx na análise de *O Capital*, diante da abstração necessária para a análise geral do capital, o que precisa ser flexibilizado para analisar o desenvolvimento do capitalismo hoje. Os elementos são as variações internacionais do valor da força de trabalho e as taxas de exploração internacional, que são distintas entre os países.

O fator fundamental para entender o imperialismo contemporâneo é a sistemática divergência internacional da taxa de exploração entre os países, que não pode ser explicada pela mais-valia absoluta nem pela mais-valia relativa, dada a arbitragem global do trabalho, impulsionada pela terceirização na busca dos menores salários, sendo então a terceira forma de mais-valia a mais importante para o nosso tempo. O novo fato da Teoria do Valor é a superexploração como o elemento central para a construção de uma teoria do imperialismo, sendo uma das contratendências a lei da tendência da queda da taxa de lucro tratada por Marx.

Hoje, a terceirização é observada como a grande contratendência da lei da queda da taxa média de lucro, pois reduz tanto o trabalho morto como o trabalho vivo, onde as empresas que terceirizam o trabalho, ainda assim, capturam a mais-valia das terceirizadas, que se encontram em locais remotos do mundo.

O capitalismo, então, apresenta três fases, que vai do primeiro momento da imaturidade, seguido pela sua maturidade e, por fim, o momento de decadência, quando assume formas para sua sobrevivência que são barreiras para a expansão das forças produtivas, como os monopólios, intervenções estatais em todas as áreas da economia, acumulação por despossessão e o imperialismo. As três fases não são estritamente separadas, mas se entrecruzam.

As três formas de mais-valia destacadas aqui têm cada uma sua predominância em cada fase do capitalismo, sendo a mais-valia absoluta presente na fase da imaturidade, a mais-valia relativa, quando o capital toma o controle do processo produtivo é predominante na fase da maturidade e a superexploração, a

arbitragem global do trabalho, a predominante na fase decadente do capitalismo, forçando para baixo o valor da força de trabalho.

A crise atual e sua continuação

Smith termina seu livro tratando da crise atual do capitalismo a luz de sua tese. Aponta que os grandes comerciantes e industriais das transnacionais foram apresentados no início da crise como as grandes vítimas do processo, contudo o problema real do turbilhão financeiro de hoje deve ser observado não nas finanças, mas na produção capitalista. O que ocorreu em 2007, que desencadeou a crise, foi provocado pelas saídas apresentadas pelos capitalistas na crise de 1970, a partir da demanda sustentada para aliviar a superprodução e a possibilidade de aumentar os lucros substituindo por trabalho barato nos países pobres.

Esses dois movimentos ajudaram o capitalismo a sair da crise por mais 30 anos, mas acumulou dívidas que desestabilizaram o sistema financeira global e o deslocamento da produção. A terapia utilizada se tornou patologia, desencadeando a crise e o mesmo remédio tem sido dado em doses concentradas hoje. O fenômeno da crise de superprodução se manifesta primeiro na esfera do crédito bancário, depois no comércio e por fim na esfera da produção, dando a entender ao observador superficial que essa é a sequência real da crise.

A receita perfeita para o crescimento sustentável pré-crise defendida pela maioria dos economistas eram as taxas de juros baixos, inflação baixa e baixa volatilidade. Contudo, mostrou ser um coquetel tóxico para as bolhas de crédito. O papel das baixas taxas de juros encorajou as pessoas a adquirirem mais dívidas e os bancos a arriscarem mais. Essas taxas de juros foram mantidas baixas graças aos países do Sul Global, exportadores de manufaturas, com destaque para a China, como um Plano Marshall invertido, onde o Sul Global emprestava o dinheiro aos países ricos com taxa de juros real zero ou negativa através de suas receitas de exportação, para que estes adquirissem os produtos fabricados nos primeiros.

O ponto que faltou nessa lista, observa Smith, foi sobre a arbitragem global do trabalho, a superexploração. Essa superexploração é obscurecida pela noção dúbia que é usada pelos economistas de “novos centros de acumulação global”, pois o velho centro de acumulação global são as economias imperialistas que capturam a mais valia criada pelos trabalhadores no mundo. Reforça então que

mesmo como um polo de acumulação, a China ainda é dependente da exportação de bens para os imperialistas, sendo ainda os EUA, Europa e firmas japonesas as que ficam com a mais-valia gerada lá.

Entre os problemas para uma melhor teorização dessas duas naturezas da globalização neoliberal deve-se às lacunas existentes entre os teóricos da financeirização e das Cadeias Globais de Valor, que não conseguem estabelecer uma relação entre si. A literatura das cadeias de valor não considera qualquer implicação dos fluxos dos fundos financeiros sobre a produção globalizada e os estudos da financeirização tendem a tratar de forma superficial ou deixar fora de sua análise as relações entre produção e investimentos.

Na verdade, a relação entre financeirização e terceirização é umbilical desde o início da era neoliberal, quando as transnacionais pioneiras passam a utilizar os centros financeiros *offshore* e os mercados monetários internacionais como suporte ao crescimento de suas operações globais, forçando a abertura e integração financeira internacional. Dessa forma, há a necessidade das firmas imperialistas por instituições financeiras que possibilitem o investimento em especulação financeira ao invés de produtiva dado pelo processo de terceirização.

A conclusão de toda a análise leva a afirmação de Smith de que a chave principal da financeirização não é o capital fictício, mas a extensa materialização da mais-valia extraída dos trabalhadores do Sul Global. Existe de fato uma conexão real. O capital financeiro, como uma característica sua, cria um valor do nada mesmo, mas também captura o valor criado na produção e, embora não seja o escopo desse livro, se faz necessário reforçar a conexão inseparável das esferas econômicas, real e fictícia.

A explicação do crescimento dos mercados emergentes tem sua causa nas baixas taxas de juros dos países imperialistas, que forçaram os investidores a buscarem no exterior melhores taxas de retorno para os seus recursos, o que estimulou o grande surto da produção terceirizada, e no superciclo das *commodities* de metais, petróleo e outros bens primários, com crescimento de seus preços internacionais, que foram impulsionadas pelo consumo da China, beneficiando particularmente os países da África e América Latina. Ou seja, o crescimento nas economias em desenvolvimento foram o resultado das condições ruins dos centros econômicos.

Dessa forma construiu-se uma falsa ideia de progresso dos países em desenvolvimento, convergindo com os países imperialistas, visto a clara evidência de sua dependência dos investidores e bancos centrais imperialistas. Na verdade, a estagnação e queda da demanda nos países imperialistas são uma real ameaça à estratégia de desenvolvimento dos países pobres, a industrialização orientada para exportação.

Conclusão

Sua contribuição é fundamental na atualização da Teoria da Dependência e do Imperialismo ao destacar a centralidade da superexploração do trabalho, a partir da Arbitragem Global do Trabalho, sendo a divisão imperialista do mundo entre países oprimidos e opressores, que moldam a classe trabalhadora mundial e a dinâmica do processo de formação da classe trabalhadora.

O destaque que dá para a terceirização global como um fenômeno da era neoliberal para a redução dos salários pagos, mas também o aumento da dependência da força de trabalho importada por setores com menor mobilidade para se transferirem para outros países, reduzindo os custos de reprodução da força de trabalho nos países avançados, com destaque para empresas terceirizadas-subcontratadas (arm's length subcontracting).

Finaliza seu livro afirmando que o que está em curso é uma crise do imperialismo, que manteve seus lucros e paz a partir da superexploração do Sul Global, não sendo então uma crise financeira ou mais uma crise do capitalismo. A tendência do capitalismo de exaurir todas as fontes de riqueza é conhecida, mas agora a unidade de destruição que chegou é extrema, sendo então uma crise final do capitalismo e da humanidade.

Reforça que o neoliberalismo não era inevitável e, dessa forma, nem o nosso futuro é predeterminado, mas há apenas duas opções, o socialismo ou a barbárie, que dependerá da luta de classes de milhões de trabalhadores do mundo, com uma capacidade de revolucionários forjados nas experiências dos bolcheviques e do Movimento 26 de Julho de Cuba. A era neoliberal concentrou e ampliou a classe trabalhadora, tendo maiores condições de enfrentar a luta hoje do que em momentos anteriores.

